



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

EDUARDO FERRAZ DE OLIVEIRA

OPERAÇÃO CONDOR:
A INFLUÊNCIA BRASILEIRA (E AMERICANA)

Brasília, Maio de 2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

EDUARDO FERRAZ DE OLIVEIRA

OPERAÇÃO CONDOR:
A INFLUÊNCIA BRASILEIRA (E AMERICANA)

ORIENTADOR: PROF. DR. CARLOS EDUARDO VIDIGAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Brasília, maio de 2022

**OPERAÇÃO CONDOR:
A INFLUÊNCIA BRASILEIRA (E AMERICANA)**

Banca Examinadora

Prof. Dr Carlos Eduardo Vidigal - HIS/UnB
(Orientador)

Prof. Dr. Carlos Federico Domínguez Ávila – CEAM/UnB
(Membro)

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes – HIS/UnB
(Membro)

Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto – HIS/UnB
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte da minha graduação, professores e colegas que me auxiliaram durante este árduo processo. Com carinho especial ao meu orientador Carlos Eduardo, e aos membros da banca.

Agradeço à minha família que me deu condições de prosseguir meus estudos e sempre se preocuparam com minha saúde física e mental.

Agradeço também a força de todos os que lutaram, lutam e lutarão por mais igualdade, justiça e respeito na humanidade, proporcionando-nos um mundo mais humano.

OPERAÇÃO CONDOR: A INFLUÊNCIA BRASILEIRA (E AMERICANA)

OPERATION CONDOR: THE BRAZILIAN (AND AMERICAN) INFLUENCE

Eduardo Ferraz

RESUMO: Este artigo trata do período conhecido como Guerra Fria, tal momento se configura na disputa entre Estados Unidos e União Soviética pela hegemonia mundial. Durante o período, rupturas políticas ocorreram em muitos países da América Latina, diante das quais as potências mundiais exerciam sua influência de modo a guiar os países latino-americanos a atenderem suas demandas. Neste contexto, o governo do Chile sofreu um Golpe de Estado, estabelecendo no poder uma Junta Militar encabeçada por Augusto Pinochet que estruturou um aparato de repressão violento. Tal aparato incluiu uma organização terrorista multinacional, a Operação Condor, que consistiu em uma série de assassinatos e sequestros internacionais organizados pelas ditaduras aliadas do Cone Sul. Analisaremos os acontecimentos da Condor e o envolvimento do Brasil e dos Estados Unidos, trabalhando a historiografia sobre o tema tentamos traçar um entendimento maior sobre as ações tomadas por ambos os países nesta situação.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Fria, História das Relações Internacionais, Política externa brasileira, Operação Condor.

ABSTRACT: This article concerns the period known as the Cold War, that time span is composed of the rivalry between the United States and Soviet Union trying to achieve global hegemony. During those years, political ruptures happened in many countries throughout Latin America, those which the global powers exercised their influences to shape the Latin states to match their demands. In this context, the government of Chile underwent a coup d'état, establishing the Pinochet led military junta that structured a violent repressive device. Such apparatus included a multinational terrorist organizations, the Operation Condor, which worked on a series of international murders and kidnappings organized by the allied dictatorships of the South Cone. We will analyze the events of Condor and the involvement of Brazil and the United States, working the historiography of the theme trying to trace a better understanding about the actions taken by both states in the situations.

KEY WORDS: Cold War, History of International Relations, Brazilian foreign policy, Operation Condor.

INTRODUÇÃO

O papel da América Latina se transformou durante o século XX, a partir da revolução de Fidel Castro, antagonizando o pólo americano dentro de seu próprio continente, para uma região na qual nos anos sessenta e setenta, foram estabelecidos regimes ditatoriais reconhecidos e apoiados pelo governo dos Estados Unidos. William Blum usa a expressão “*The Unforgivable Revolution*”¹ para descrever a Cuba castrista, no capítulo, o autor descreve diversas operações de sabotagem do regime, alegando atentados de guerra biológica, além de invasões patrocinadas e executadas por órgãos de defesa americanos e atentados à vida de Castro, seus familiares e agentes do estado cubano.

¹ BLUM, William. *Killing Hope: US Military and CIA Interventions since World War II*. Segunda Impressão, Noida, Gopsons Papers Limited, 2004 p.185.

Dentro desta dinâmica, o governo da União Popular de Salvador Allende, expressando o crescimento do socialismo nas Américas, buscou uma alternativa democrática à revolução das armas que trouxe ao governo americano e aos governos alinhados um novo desafio.

O governo americano já tentava minar o governo de Allende desde antes de sua vitória. Roberto Simon nos fala da cifra de 7 milhões de dólares enviados para a chapa de Eduardo Frei, na eleição de 1964, na qual foi eleito presidente do Chile. Para as eleições de 1970, que consagraram Allende como presidente, a soma de 435 mil dólares foi utilizada em propaganda anti-Allende e anti-comunista, além de financiar a campanha de Alessandri, candidato do Partido Nacional, que liderava a oposição à campanha da União Popular.² O governo militar brasileiro também se antagonizava com o regime de Allende, um dos redutos dos exilados brasileiros, os quais organizavam campanhas de repúdio ao governo militar, combatidos pelo embaixador Câmara Canto. Em telegramas, o embaixador brasileiro reportava da insatisfação de seus contatos nas forças armadas chilenas com uma vitória de Allende, e instruiu o governo brasileiro a estar pronto para o golpe nos dias 4 ou 5 de outubro, ou em 25 do mesmo mês, levante que nunca ocorreu.³

A vitória de Allende não era esperada nem pelo governo brasileiro nem pelo americano. Desde então, planos de intervenção foram discutidos. Pelos brasileiros, uma rede de informantes em território chileno foi estabelecida para monitorar brasileiros em solo chileno. Além disso, de acordo com fontes diversas obtidas por Raul Rettig, embaixador de Allende no Brasil, o governo militar estaria preparando uma guerrilha de oposição. Roberto Thieme, ex-secretário geral do *Patria y Libertad*, (grupo de extrema direita em atividade durante o governo de Allende que se dissolveu após o golpe e foi incorporado ao governo de Pinochet), conta que o Brasil estava se preparando para uma guerra civil, considerando inclusive planos militares, imaginando uma situação como a Guerra Civil Espanhola.⁴

O governo americano sob a administração de Richard Nixon também não se manteve inerte. Peter Kornbluh data uma reunião do *National Security Council* (Conselho Nacional de Segurança) dois dias antes do início do mandato de Allende, com o objetivo de trazer abaixo o governo do

² SIMON, Roberto O Brasil Contra a Democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul. 1ª ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2021 p.36.

³ Ibid., p.46, p.74.

⁴ Ibid., p.102-10.

presidente chileno. Kissinger, um dos conselheiros do presidente Nixon, considerava que a eleição de Allende era “um dos maiores problemas já enfrentados pelo hemisfério”:

*The example of a successful elected Marxist government in Chile would surely have an impact on—and even precedent value for—other parts of the world, especially in Italy; the imitative spread of similar phenomena elsewhere would in turn significantly affect the world balance and our own position in it*⁵

Os americanos estavam convencidos que os militares chilenos não tomariam partido. Dessa forma, caberia aos Estados Unidos interferir no governo da União Popular. Como parte do cerco à presidência de Allende, influenciaram bancos como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Banco Mundial, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, entre outros, atrasaram, negaram ou cancelaram créditos já aprovados para o Chile. Além disso, bloquearam também as negociações de dívidas herdadas do governo de Frei, fechando economicamente qualquer relação com instituições ligadas aos Estados Unidos.⁶ Porém, a intervenção americana não se limitou em fomentar um isolamento financeiro das instituições chilenas. De acordo com Kornbluh, por meio da CIA, cerca de 3,5 milhões de dólares foram introduzidos em partidos políticos de oposição, mais de 1,5 milhões para empresas, sindicatos e organizações paramilitares, fomentando protestos e atos violentos.⁷

Um relatório da CIA, retratado em *Killing Hope* de William Blum demonstra que nenhum interesse vital americano se encontrava no Chile, porém seria de interesse psicológico e econômico uma intervenção no país.⁸ Uma destas intervenções resultou na morte do General Schneider, um dos principais constitucionalistas do exército. O plano consistia em uma tentativa de sequestro encomendada pela CIA por sua “excessiva devoção à democracia” e sua ausência seria um “passo essencial” na construção de um golpe. Em concordância aos documentos analisados por John Dinges, a Agência teria fornecido três submetralhadoras a um grupo de conspiradores e prometido armas e pagamento a um outro, que segundo a CIA nunca foram entregues. Algumas semanas

⁵ KORNBLUH, Peter. *The Pinochet file: a declassified dossier on atrocity and accountability*, New York, The New Press, 2013 p.80.

⁶ *Ibid.*, p.83-85.

⁷ *Ibid.*, p.88-89.

⁸ BLUM p.216. 2004.

depois um pagamento de 35.000 dólares foi feito a um dos sequestradores com a justificativa “*to keep the prior contact secret, maintain the good will of the group, and for humanitarian reasons.*”⁹

Roberto Simon atribui ao ano de 1971 um momento crucial da história do Cone Sul. Em seu início, o Chile de Allende parecia se consolidar; na Bolívia um general promovia nacionalizações; no Uruguai, formava-se uma aliança entre as esquerdas inspiradas na Unidade Popular e uma nova revolução acontecia no Peru. Porém em seu fim, um colapso econômico no Chile, um golpe de estado alinhado aos interesses americanos na Bolívia e uma derrota “estranha” nas urnas do Uruguai aproximaram o Cone Sul da configuração que conhecemos.¹⁰ Simon atribui, baseado em um resumo da CIA¹¹, estas derrotas na Bolívia e no Uruguai à ingerência do governo brasileiro nas duas situações. Na Bolívia, encontramos relatos de carregamentos de armas enviados pela Força Aérea Brasileira auxiliando Banzer em sua primeira tentativa, protegendo o futuro ditador boliviano após seu fracasso e apoiando uma segunda tentativa, com auxílio de soldados, caso necessário. Em 1971, esta segunda tentativa sucede, sem que haja a necessidade da invasão.¹² No Uruguai, os sistemas de inteligência brasileiros tiveram cooperação importante dos americanos, juntos, promoveram um programa com o nome de US Public Safety, criando no Uruguai um sistema de identificação copiado do Brasil. O Brasil tinha para si um objetivo similar ao do Chile, monitorar dissidentes¹³, com planos de invasão desenhados. A vitória de Bordaberry nas eleições permitiu uma maior participação dos militares uruguaios e conseqüentemente uma aproximação com Brasília.

Em 11 de setembro de 1973, o golpe de Pinochet se estabeleceria e o Brasil seria o primeiro a reconhecer o governo do ditador. Seja com posições diplomáticas favoráveis, como na 28ª Sessão Anual da Assembleia Geral das Nações Unidas elaborando o discurso de Ismael Huerta,¹⁴ financeiramente, com um crédito de 100 milhões de dólares¹⁵ ou com inteligência, com a montagem do aparato repressor da DINA (*Dirección de Inteligencia Nacional*), baseada nas experiências e treinamentos no Brasil, que será analisada em seguida. Moniz Bandeira também

⁹ DINGES, John, *The Condor years : how Pinochet and his allies brought terrorism to three continents*. New York, The New Press, 2004 p.19.

¹⁰ SIMON, 2021 p.124.

¹¹ *Ibid.*, p.140.

¹² *Ibid.*, p.129.

¹³ *Ibid.*, p.135.

¹⁴ SIMON, 2021 p.256.

¹⁵ *Ibid.*, p.262.

expõe a ligação clara entre a elite chilena e o empresariado brasileiro, atentando-se ao fato da transferência de capitais chilenos às indústrias paulistas após a eleição de Allende.¹⁶¹⁷

O ápice da busca por inteligência chilena culminará na formação de uma organização internacional de troca de informações e planejamento de assassinatos no exterior, com o nome de Operação Condor. Iniciando suas atividades em 1976, foi composta principalmente por agentes da DINA e suas ações trouxeram atenção aos regimes ditatoriais da América Latina. Citando um general paraguaio em entrevista à Dinges: “*There had been cooperation of one sort or another before,[...] The difference was it [Condor] worked.*”¹⁸ Este trabalho tem o objetivo de compreender sua fundação e ações subsequentes, tal como entender a participação brasileira na organização.

Tem como objetivo também, analisar alguns textos da produção historiográfica sobre o assunto. Deste modo, pensar a relação brasileira e americana no que tange a questão da Condor, e ponderar: Tendo em vista as ações brasileiras e estadunidenses, e em discussão com Roberto Simon, como se deu a influência brasileira na estruturação da Condor e em suas ações? Além disso, analisaremos também a influência americana para comparar ambas experiências.

DOS ACONTECIMENTOS DA CONDOR:

Para conhecermos a organização Condor, precisamos olhar para os objetivos de Pinochet e Contreras em sua cruzada anti-comunista. Manuel Contreras foi o diretor da DINA durante todo seu funcionamento e, desde sua fundação, teve o papel de uma força-tarefa dele e de Pinochet. Feita baseada na máquina de repressão brasileira, combinava um sistema de inteligência e de operações militares, recrutando agentes das forças armadas, carabineiros e civis de ultradireita.¹⁹

Em comparação a outros órgãos de inteligência que também faziam parte da repressão política, a DINA foi um dos mais violentos meios da repressão chilena nos anos iniciais do governo de Pinochet.

¹⁶ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Fórmula para o Caos, A Derrubada de Salvador Allende 1970-1973*, Record, 2008. p.286.

¹⁷ Bandeira se atenta também à semelhança entre ambas as campanhas de desestabilização promovidas pela CIA no Brasil e no Chile. Exemplo desta aproximação é a abordagem do IPES e seu fomento ao movimento de mulheres que lideram a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* e a *Marcha de las Cacerolas*. BANDEIRA, 2008 p.287-8.

¹⁸ apud. DINGES, 2004 p.225.

¹⁹ SIMON, 2021 p.308.

Manuel Contreras, designado para a função por sua intimidade com Pinochet²⁰ teve o objetivo de operar de forma sigilosa por meio da *Secretaría Nacional de Detenidos*. Conforme Kornbluh: “*DINA was intended to centralize both the gathering of intelligence and the dispensing of repression—operations then being conducted by the individual services.*”²¹. Contreras possivelmente tinha também este foco ao pensar a Condor. Dinges indica que a Junta de Coordenação Revolucionária (JCR) teve um papel de justificar o discurso de união entre os militares anticomunistas da região. Criada para articular grupos guerrilheiros da América Latina, Simon descreve seu anúncio como grandiloquente e desesperado. Visando unir grupos guerrilheiros de esquerda do México ao Chile, a organização nunca conseguiu alcançar as próprias expectativas. Citando René Valenzuela, um importante integrante da organização:

When we announced the JCR it was like a campanazo—like ringing a big bell. They [the military governments] thought it was much bigger than it actually was, and they reacted very rapidly, with devastating force. We were in diapers, with lots of problems, and never really had the opportunity to do what we set out to do²²

O Departamento de Estado americano registrou em um relatório que a JCR não foi frutífera. O autor diz que suas ações se limitaram a uma rede de solidariedade entre ativistas de esquerda, que agiu primariamente na Europa Ocidental.²³

Foi com este pretexto que Manuel Contreras convoca a primeira reunião oficial da Condor. Mario Jahn seria dispensado para entregar convites às forças militares dos países para o encontro que discutiriam a fundação da Operação. Paraguai, Argentina, Bolívia, Uruguai e Brasil compareceram à reunião secreta onde compartilharam inteligência sobre as atividades da JCR, inclusive suas ações em solo europeu. Esta reunião está registrada em arquivos de vários órgãos de diversos países como os Arquivos do Terror, arquivos da CIA e da embaixada Americana no Uruguai. A conclusão a que Dinges chega, é de que a repressão doméstica dos países membros,

²⁰ KORNBLUH, 2013 p.166.

²¹ Ibid., p.166.

²² apud. DINGES, 2004 p.64.

²³ SIMON, 2021 p.331-2.

com a exceção da Argentina, já teria praticamente se extinguido, o próximo passo seria dado na direção exterior às fronteiras dos países membros.²⁴

Operações internacionais já aconteciam entre os países membros, como a Operação Colombo, executada em 1975 para dar uma justificativa para os desaparecimentos de 119 militantes de esquerda que os órgãos de repressão chilenos, brasileiros e argentinos julgaram ser “subversivos”. A Operação consistiu em um par de notícias que justificavam a morte destes opositores, publicadas por jornais obscuros e repetidas por jornais maiores como o *Mercurio*, jornal chileno. A farsa depois de publicada, viraria motivo de chacota internacional. Evidenciado por Simon, 115 dos 119 estavam protocolados no grupo de direitos humanos de Raúl Silva Henríquez.²⁵

Finally, “in honor of the host country” they unanimously approved a motion that “this organization will be designated CONDOR”—named after Chile’s national bird, the large Andean vulture. “Operation Condor” was officially inaugurated²⁶

A primeira reunião, em 25 de novembro de 1975, estabeleceu recomendações para o grupo, criando três fases para a implementação. De acordo com a ata da reunião, a primeira se dava na construção de um sistema de comunicação criptografado entre os países, baseada na troca de mensagens por agentes posicionados nos países membros, fichando subversivos com o intuito de monitorar seus movimentos. Além disso, ficou definido a disponibilização de um sistema de informações, denominado CONDORTEL, para que os países membros de modo multilateral solicitassem a outros para que pudessem “completar” as informações que faltavam. Em uma segunda fase, foram avaliados os resultados da primeira, e tornar mais rápido o sistema de comunicações, também apresentar um Projeto de Viabilidade, que seria aprovado e os fundos levantados entre os países numa terceira fase. A partir desta reunião os países da Condor consolidam esta rede de informações a ser ratificada em 30 de janeiro de 1976, fundando a Operação.²⁷

John Dinges argumenta que as ações das fases dois e três não correspondem ao descrito na minuta da reunião. O autor fala que estas fases são operações de planejamento e execução de coleta

²⁴ DINGES, 2004 p.123-5

²⁵ SIMON, 2021 p.325.

²⁶ KORNBLUH, 2013 p.331-332

²⁷ Ibid., p.344-345 .

de inteligência e ganhos políticos, incluindo a disseminação de propaganda, tocaias, sequestros e, em seu ponto mais alto, assassinatos.²⁸ Definidas as fases Dois como operações entre países membros e fase Três como operações em países exteriores, a Condor passa a se tornar de meio de troca de informações organização terrorista internacional. Em uma segunda reunião, em junho de 1976, o Brasil se juntou ao grupo oficialmente como sexto membro, tendo este participado da primeira, mas não assinando a minuta. Em setembro do mesmo ano, uma sessão de treinamento de dois meses com uruguaios, argentinos e chilenos estruturaria um grupo especial, para operações da fase três.²⁹

A quantidade de vítimas das operações da segunda e terceira fase são incontáveis. Devido à natureza secreta das operações, da dificuldade de definir o que seria considerado vítima de um sistema de informações e do apagamento promovido pelas forças armadas dos países membros, é muito difícil precisar sua quantidade seria.³⁰ Porém, uma ação da Condor se sobressai à todas as outras, o assassinato de Ronni Moffitt e Orlando Letelier.

Letelier vivia em exílio após ser preso político de Pinochet e, desde sua soltura, vivia em Washington desde então, trabalhando como economista do Banco Interamericano de Desenvolvimento, sendo este habilidoso em se opor ao regime chileno no Congresso americano, na ONU e na Europa. Seu sucesso proporcionou a inimizade da Junta chilena, que buscou apoio do Secretário de Estado Henry Kissinger para impedi-lo de continuar denunciando os crimes de Pinochet e diminuindo o apoio econômico chileno.

Prosseguindo com a fase três da Condor, Contreras dá a ordem ao Coronel Pedro Espinoza para organizar o ataque terrorista. Michael Townley e Fernandez Larios seriam os executores e embarcariam para Washington utilizando passaportes paraguaios, com o consentimento da CIA de Santiago. Contudo, uma objeção do consulado americano atrasou os vistos, o que deu tempo para George Landau, que levantou suspeita, mas os emitiu, fazendo cópias para conferência. Ao contactar Vernon Walters, Vice-Diretor da CIA, diretamente, Landau cancelou os vistos oito dias depois, impedindo a viagem dos agentes da Condor. Ainda assim, com outros passaportes, ambos conseguem chegar aos Estados Unidos, onde recebem as instruções coletadas por outros agentes

²⁸ DINGES, 2004 p.27.

²⁹ KORNBLUH, 2013 p.345.

³⁰ Kornbluh exemplifica nas ações da Condor torturas, desaparecimentos e sequestros nas páginas 347 e 348 de The Pinochet File.

sobre o itinerário de Letelier. Na manhã de 15 de setembro de 1976, Townley completa a bomba e em 18 de setembro fixa-a no carro de Letelier, detonando-a três dias depois enquanto Orlando dirigia com Ronni e Michael Moffitt em seu carro, este último sendo o único sobrevivente do atentado.

Após o atentado em Washington, o discurso vendido pela CIA e pelo FBI, publicado no New York Times sobre o assassinato de Letelier e Ronni era que agentes da Junta chilena não poderiam ter produzido tal atentado e que corroboravam a argumentação de Pinochet culpabilizando extremistas de esquerda³¹. Uma posterior desclassificação de documentos do FBI levou à tona o conhecimento do *Bureau* sobre a operação e as claras ligações do regime militar de Pinochet.³² Hoje se tem conhecimento de que a CIA tinha a capacidade da quebra da criptografia das mensagens da Condor, portanto é possível conjecturar sobre a dimensão do conhecimento da operação que assassinou Orlando, e a capacidade da Agência em impedi-lo.³³

Uma outra operação da fase três da Condor poderia acontecer com Ed Koch, congressista americano. Descoberta pela CIA, desta vez, transmitiu os conhecimentos para o FBI e o Departamento de Estado, que informou Koch, frustrando os objetivos dos militares uruguaios.³⁴ A CIA interferiu novamente quando descobriu outros assassinatos planejados em Paris e Lisboa, informando os respectivos países, que intervieram. As ações da Condor a partir deste ponto, se basearam apenas em trocas de informações nos países membros e Dinges propõe que, a partir de 1976, assassinatos de fase três da Condor se encerraram devido à falta de evidências de suas atividades.³⁵ No entanto, as operações dentro da América Latina continuaram pelo menos até 1980, na operação conjunta entre os militares da Bolívia, Peru e Argentina, que “desapareceu” Noemi Gianotti.³⁶ A partir de então, Dinges acredita que não houveram ações multilaterais da Condor devido à conjuntura e desgastes políticos que levaram ao declínio de relações entre países membros e às campanhas de denúncia de órgãos internacionais.³⁷

³¹ KORNBLUH, 2013 p.362.

³² DINGES, 2004 p.228.

³³ KORNBLUH, Peter. OSORIO, Carlos. The CIA's 'Minerva' Secret National Security Archive, Washington D.C., 11 February, 2020.

³⁴ DINGES, 2004 p.214.

³⁵ Ibid., p.220.

³⁶ Ibid., p.223

³⁷ Ibid., p.224

SOBRE O ENVOLVIMENTO BRASILEIRO:

A parceria entre o Brasil do Regime Militar e o Chile da Junta de Pinochet data de antes da Junta se consolidar no poder. Antes mesmo da vitória de Allende, o Cãmara Canto mantinha um aparato de espionagem e tinha intimidade com os círculos militares, e utilizava estes dispositivos para expandir a máquina de repressão brasileira até o país andino. Com a eleição de Allende, Cãmara Canto repassava para o Governo brasileiro informações sobre as Forças Armadas e sua nova posição em relação ao novo presidente chileno.³⁸

O Brasil propôs-se também a auxiliar a máquina repressora de Pinochet com os conhecimentos adquiridos após quase 10 anos de Regime Militar. Como nos informa Simon, Hernán Cubillos, embaixador do Chile no Brasil em 1973, estava entusiasmado em entender o sistema de repressão brasileiro. O sucesso dos órgãos brasileiros em acabar com a oposição armada deveria ser modelo para um Chile que desejava o mesmo. Cubillos atribuía tal sucesso ao sistema de vigilância interna da oposição. Durante a construção da DINA, o embaixador serviria de ponte entre a repressão brasileira e a formação da nova *Dirección*.³⁹

Simon argumenta que a consolidação oficial de uma cooperação Brasil-Chile se apresenta em uma viagem de agentes que vieram a atuar dentro do Estádio Nacional, um mês após o golpe. Entretanto, a cooperação ainda não estava sistematizada, e só viria a ser a partir do Itamaraty e da troca de documentos entre os dois países em referência a guerrilheiros envolvidos no sequestro de Willy Brandt, embaixador da Alemanha Ocidental no Brasil. Foi então que Adolpho Correa de Sá e Benevides e Cubillos se encontraram, requisitando ajuda ao Chile na desarticulação da militância de esquerda em solo chileno, oferecendo a mesma ajuda nos territórios brasileiros.⁴⁰

Antes mesmo de a DINA ser criada, o envolvimento com os órgãos de repressão brasileiros já era presente e seria ampliada a partir destas trocas de informações. O Chile de Pinochet tinha agora a confiança da ditadura brasileira e a partir de junho de 1974, uma equipe da Escola Superior de Guerra do Brasil viajou para o Chile, autorizada pessoalmente por Pinochet, e em novembro um grupo de 55 carabineiros visitou o Brasil com itinerário organizado pelo SNI, Serviço Nacional de Informações. Além de várias outras visitas bilaterais, com o objetivo de troca de informações, apoio

³⁸ SIMON, 2021 p. 61.

³⁹ Ibid., p.307-9.

⁴⁰ Ibid., p.311-3.

à construção da repressão chilena e treinamento de agentes, o Brasil se consolidava como um dos mais importantes colaboradores na estruturação da DINA.⁴¹

Armados com treinamento brasileiro e se espelhando no Regime, a DINA faria sua primeira ação internacional ao assassinar Carlos Prats em Buenos Aires em 30 de setembro de 1974, com um explosivo plantado no carro, assim como fariam com Letelier dois anos depois.⁴²

Quando o Chile de Pinochet dava passos em consolidar a Operação Condor, o Brasil recrudescia seu envolvimento com o país andino. Simon faz uso da expressão “proximidade calculada” onde era possível que se treinassem agentes da DINA no Brasil, contudo atrelar o Governo Militar às ações da *Dirección* era perigoso demais para a imagem internacional. Acrescenta-se também o desejo de que o Brasil fosse líder da América Latina, evidenciado a partir de uma série de embates com o governo americano, em assuntos de política internacional, como o acordo bilateral de cooperação nuclear com a República Federal da Alemanha, e a oposição às sanções econômicas à União Soviéticas referentes à invasão do Afeganistão.⁴³ Uma vez que fazer parte de uma organização de países que não fosse liderada pelo governo de Geisel não cabia no projeto brasileiro.⁴⁴

À reunião de janeiro de 1976, o Brasil enviou dois oficiais como observadores da sessão, ambos associados ao Centro de Informações do Exterior (CIEEX), onde não assinam como membros como instruídos por Brasília.⁴⁵ Entretanto, se filiam como Condor 6 na segunda reunião, e se comprometem a fornecer o equipamento de criptografia para a fase dois. Segundo uma fonte da CIA, o Brasil teria tentado assumir as rédeas da organização, concretizando os desejos de Brasil-Potência de Geisel, o que não agradou os outros participantes, tal narrativa possibilita entendermos a visão americana dos motivos brasileiros, ainda que tal intenção não possa ser provada. A partir da terceira reunião, não temos informação da presença de representantes do Brasil.⁴⁶ Outro desacordo do Brasil com a Condor foi a oposição às operações da fase três:

⁴¹ SIMON, 2021 p.317-8.

⁴² Ibid., p.319.

⁴³ BANDEIRA, Moniz, Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente. Epub, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.195; p.219.

⁴⁴ SIMON, 2021 p.329-30.

⁴⁵ Ibid., p.332.

⁴⁶ Ibid., p.336.

Passados dois anos da primeira reunião em Santiago, o Brasil, seguido por Paraguai e Bolívia, havia atuado “como uma trava à Operação Condor”. A diplomacia americana acreditava que, ao Brasil, prevalecera o cálculo com base no interesse nacional, acima de qualquer cruzada ideológica anticomunista: a ditadura, ao lado dos dois vizinhos menores, via a Condor como uma iniciativa altamente arriscada e de baixo retorno potencial. [...] A Operação Condor, aos generais brasileiros, não valia a pena⁴⁷

Simon expõe o pensamento de que o Brasil teria colaborado com as forças armadas latino-americanas de modo bilateral, por fora do mecanismo da Condor, como já teria trabalhado anteriormente à fundação da organização. É exibido como exemplo o estreitamento entre Brasil e Argentina após o golpe no governo Isabelita, sendo que Simon entende que as atividades operacionais de ambos os países não passaram por um meio multilateral como a Condor. Nos anos seguintes, a abertura política iniciada por Geisel e continuada no governo de Figueiredo, e o pragmatismo responsável⁴⁸ de Azeredo da Silveira não combinava manter-se atrelado às ditaduras do Cone Sul. Aliado ao processo de abertura política a partir de 1974, Carlos Fico evidencia um desmonte dos aparatos de repressão nos últimos anos do governo militar, e um enrijecimento de punições destinadas aos agentes da repressão e de decadência das corporações. Entretanto, Fico também menciona um investimento no SNI, por parte da administração do general Otávio Medeiros, durante o governo Figueiredo, organização que certamente não poderia descartar uma base de dados internacional de terrorismo como a CONDORTEL.⁴⁹

A questão do equipamento é um assunto não resolvido até hoje. As máquinas de criptografia que o Brasil distribuiu e fazia uso eram manufaturadas por uma empresa Suíça de nome *Crypto AG*, hoje, sabe-se que a CIA era dona da agência e possuía a capacidade de descriptar as máquinas fornecidas pelo regime brasileiro.⁵⁰ Conforme John Dinges, um agente de segurança boliviano alegou que a CIA teria fornecido as máquinas de Telex⁵¹, o que pode ser um indicativo de que o Brasil e a agência americana podem ter entrado em conluio para obter informações que de outra forma não poderiam chegar ao conhecimento americano.

⁴⁷ SIMON, 2021 p.336 .

⁴⁸ Pragmatismo responsável é um conceito utilizado por Moniz Bandeira para entender o processo de oposição ao governo americano em alguns pontos da política externa. BANDEIRA,2011 p.220.

⁴⁹ FICO. Carlos. Como eles agiam. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.211; 216.

⁵⁰ KORNBLUH, Peter. OSORIO, Carlos. **The CIA's ‘Minerva’ Secret**. National Security Archive, Washington D.C., 11 February, 2020.

⁵¹ DINGES, 2004 p. 127.

Tendo conhecimento ou não do envolvimento da CIA, o Brasil, conforme exibido na Comissão Nacional da Verdade, por diversas vezes participou de operações transnacionais, além de ter fornecido as máquinas da segunda fase, e muito provavelmente utilizando o sistema CONDORTEL para localizar opositores.

Portanto, podemos identificar na experiência brasileira sua participação de aparelhagem dos sistemas de repressão do Chile, influenciando no treinamento de agentes da DINA, em sua defesa internacional e participando de operações, mesmo sem um protagonismo que possivelmente se desejou.

SOBRE AS AÇÕES AMERICANAS:

Similarmente, os esforços americanos em influenciar o Chile se assemelham aos brasileiros. Em diversos momentos, funcionários do Estado americano participaram em esforços para minar a democracia chilena, como mencionado anteriormente ao citar o assassinato do General Schneider, em 1970. Porém, poderia ser chamada de influência o conhecimento e a falta de ações de combate ao tomar-se conhecimento das operações da Condor dentro e fora do território de seus países membros?

Tal foi a colaboração americana na Condor, além de prover treinamento com agentes da CIA em solo chileno⁵² e ter encontrado e discutido ações anti-subversivas com Contreras em pelo menos duas ocasiões antes da reunião de 1976. O conteúdo destas reuniões nunca foi levado a público, a CIA nem ao menos reconheceu uma segunda reunião mesmo estando registrada em um documento produzido pela Agência.⁵³ Dinges nos informa de fontes que corroboram o treinamento dado à agentes da CIA, uma citando que americanos davam cursos de inteligência diretamente em solo chileno, os quais presumia que eram agentes da CIA.⁵⁴ Em outro momento, Dinges afirma que parte do treinamento, além de apoio financeiro, era fornecido pelo governo brasileiro, que treinava os operativos da DINA para interrogar e torturar.

De acordo com Peter Gribbin, escrevendo para a revista *CounterSpy*, a presença da CIA no Brasil pode ser datada no ano de 1961, auxiliando na desarticulação de Goulart. Porém Gribbin dá

⁵² DINGES, 2004 p..77

⁵³ Ibid., p.108

⁵⁴ Ibid., p..79

atenção às várias instituições criadas pelo governo americano para instruir a elite brasileira e persuadi-las a seguir o projeto estadunidense para a região.⁵⁵ Ao apontar a similaridade entre a fundação da DINA e do SNI, criados logo após os golpes, o autor atrela à CIA o sucesso das operações policiais, de aprovisionar equipamentos e de manter o silêncio quando presenciavam situações de tortura.⁵⁶ Como quando operaram junto do *American Institute for Free Labour Development* (AIFLD) para minar a força sindical⁵⁷, trabalharam junto com o Governo Militar para criar o SNI.

Conforme o artigo de Gribbin sobre os acontecimentos no Brasil, é plausível acreditar que algo similar ocorreu no Chile de Pinochet. Isso posto, e com base nas informações acima, podemos perceber que houve uma ligação forte entre as três organizações e seria crível a possibilidade de colaboração ao menos bilateral entre estas nações.

Há também, na figura de Kissinger, uma importância central nas Relações Internacionais americanas da época. Em três instâncias, Kissinger foi fundamental no empoderamento de Pinochet, ao convocar o Comitê dos 40 em 1970, resultando no envio de uma mala diplomática com submetralhadoras⁵⁸; em junho de 1976 onde, anteriormente ao seu discurso da OEA, discutiu com Pinochet para que não se sentisse atacado por suas declarações a favor dos direitos humanos⁵⁹; e em agosto de 1976 quando, mesmo após o envio de um telegrama notificando seus embaixadores a questionar as operações da Condor, o Departamento de Estado falhou em assegurar o cumprimento do telegrama e operações continuaram⁶⁰.

Segundo Christopher Hitchens, uma série de encontros de oficiais do governo americano selam o destino da democracia chilena. Um deles foi o encontro entre Nixon, Kissinger e Richard Helms (diretor da CIA) no qual foram informados pelo presidente americano que 10 milhões de

⁵⁵ Criada em 1948, a Escola Superior de Guerra (ESG) teve o propósito de socializar as elites militares e civis e instruí-las em questões referentes à segurança e desenvolvimento do país. Moldada nos war colleges americanos, a assistência da potência foi fundamental para a implementação da Escola. (Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Escola Superior de Guerra, FGV. Acesso em 03/05/2022). Além da ESG, em maio de 1979, o autor afirma que o *U.S. Public Safety Program in Brazil* já treinou mais de 100.00 policiais, 600 foram treinadas na *International Police Academy* além de construir, equipar e desenvolver o currículo e colaboradores da Academia Nacional de Polícia do Brasil, o Centro Nacional de Telecomunicações e o Instituto Nacional de Criminalística e Identificação. (GRIBBIN, 1979 p.8).

⁵⁶ GRIBBIN, 1979 p.7

⁵⁷ Ibid., p.10

⁵⁸ HITCHENS, 2002 p.67.

⁵⁹ Ibid., p.80

⁶⁰ DINGES, 2004 p.379

dólares estavam disponíveis para derrubar o governo chileno, podendo investir mais, se necessário.⁶¹ O assassinato do General Schneider foi um destes atos de desestabilização. Mesmo aconselhado por Helms da possibilidade de que o sequestro tivesse poucas chances de sucesso, o plano foi posto em prática a mando de Kissinger. Planejado para ser um sequestro, ao ser abordado o comandante das Forças Armadas atirou contra seus sequestradores, que reagiram, matando-o.⁶² Ao tentar provar sua inocência, um memorando que supostamente o absolveria da acusação foi apresentado, desautorizando a operação, porém, de acordo com a análise de Christopher diversos pontos foram levantados sobre o memorando:

It was decided by those present that the Agency must get a message' to Viaux warning him against any precipitate action. In essence our message was to state: "We have reviewed your plans, and based on your information and ours. we can come to the conclusion that your plans for a coup at this time cannot succeed. Failing, they may reduce your capabilities for the future. Preserve your assets; We will stay in touch; the time will come when you with all your other friends can do something. You will continue to have our support."⁶³

O Autor demonstra, entre outras evidências de conluio, que este memorando não apresenta uma firme posição contrária à prévia instrução de apoio às atividades golpistas. De qualquer forma, Hitchens nos informa que a posição de Kissinger era de unir dois grupos, o de Viaux e o de Valenzuela, com a intenção de aumentar as chances de sucesso de um golpe militar. O autor também traz o testemunho do embaixador Korry, em missão no Chile de Allende, indicando que Kissinger desejava produzir álibis para que não fosse atrelado a qualquer operação fracassada.⁶⁴

Em relação à reunião prévia ao discurso de Kissinger na OEA de junho de 1976, temos a representação da dualidade da narrativa americana sobre os estados da Condor. Antes de fazer o seu primeiro posicionamento sobre Direitos Humanos na Assembleia Geral da OEA, Kissinger teve uma conversa diretamente com Pinochet, na qual demonstra simpatia pelo governo e deixa claro que o discurso dado por ele não está direcionado à ditadura, além de explicitar também seu descontentamento com as medidas que bloqueavam apoio militar ao país, que o congresso buscava

⁶¹ HITCHENS, 2002 p.65.

⁶²HITCHENS, 2002 p, 66

⁶³CIA, 1970 p.2

⁶⁴HITCHENS, 2002 p. 76.

aprovar. Ainda nesse mesmo diálogo, Kissinger tentou convencê-lo de relaxar o regime de forma a mostrar uma boa imagem aos críticos do regime⁶⁵.

No que tange à Condor, o principal momento de Kissinger foi a redação do documento onde Kissinger confronta as ditaduras participantes e instrui seus embaixadores a questionar os líderes dos países-membros:

*SUBJECT: OPERATION CONDOR:
YOU ARE AWARE OF A SERIES OF [CIA] REPORTS ON "OPERATION CONDOR."
THE COORDINATION FOR SECURITY AND INTELLIGENCE INFORMATION IS
PROBABLY UNDERSTANDABLE. HOWEVER, GOVERNMENT PLANNED AND
DIRECTED ASSASSINATIONS WITHIN AND OUTSIDE THE TERRITORY OF
CONDOR MEMBERS HAS MOST SERIOUS IMPLICATIONS WHICH WE MUST FACE
SQUARELY AND RAPIDLY.*⁶⁶

Entretanto, mesmo com uma mensagem clara e direta, a aplicação da mensagem não foi corroborada por instruções seguintes. Stedman, embaixador americano na Bolívia, aproveitou-se da falta de participação boliviana para estreitar os laços de inteligência entre os Estados Unidos e o governo local.⁶⁷ Em Assunción, Landau também procurou imediatamente o Governo, e em reunião com Stroessner, quando questionado sobre as operações da Condor “não respondeu e mudou de assunto”⁶⁸ O problema é evidente quando olhamos as providências tomadas em relação ao Chile, Brasil, Uruguai e Argentina. Fazendo valer o telegrama de Kissinger, Popper em Santiago se depara com um dilema, levar o assunto diretamente à Pinochet ou discutir com Contreras, tendo em vista a hostilidade de Pinochet em relação ao embaixador e possivelmente tomaria a informação como insulto.⁶⁹ Fazendo-se notar, em seu telegrama, Popper pergunta diretamente:

*"I NOTE THAT THE INSTRUCTION IS CAST IN URGENT TERMS. HAS
DEPARTMENT RECEIVED ANY WORD THAT WOULD INDICATE THAT
ASSASSINATION ACTIVITIES ARE IMMINENT? THE ONLY SUCH INFO WE HAVE
SEEN IS ONE REPORT FROM [ONE WORD REDACTED] UNCONFIRMED BY
OTHER SOURCES. PLEASE ADVISE."*⁷⁰

⁶⁵DINGES, 2004 p.163

⁶⁶Apud. DINGES, 2004 p.183.

⁶⁷Ibid, p.186-7.

⁶⁸Ibid, p.187

⁶⁹Ibid, p.186.

⁷⁰Ibid, p.186.

Hoje, temos o conhecimento que os planos de assassinato de Letelier já estava em andamento e a situação dos passaportes paraguaios já tinha sido resolvida. Entretanto, Dinges especula que nenhuma resposta para tal pergunta teria sido recebida por Popper, nem Pinochet nem Contreras foram questionados pelas operações da Condor. Além disso, pelas informações reveladas até hoje, nenhum país foi confrontado pela Operação Condor até o assassinato de Letelier.⁷¹ No que tange a questão da desobediência de ordens diretas de Kissinger, sabemos muito pouco. Dos documentos desclassificados, um se refere ao encontro de Shlaudeman e Luers em Washington e apenas oito de 250 palavras não foram mantidas em segredo: “*we are not making a representation of Pinochet as it would be futile to do so.*”⁷². Ambos os agentes são citados no documento onde se revela que “*no further action*” deveria ser tomada em relação à Condor datado de 20 de setembro de 1976, um dia antes do atentado em Washington.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos de ditadura militar no Brasil e no Chile são parte de uma configuração global de prática política das potências em conflito. Portanto, uma análise dos acontecimentos sem levar em consideração o contexto político externo e as ingerências internacionais nas tomadas de decisão de atores históricos. Deste modo, acredito que o entendimento da Operação Condor pode beneficiar-se também da investigação proposta no artigo.

Semelhante à influência brasileira, é evidente a influência de órgãos governamentais americanos durante as ditaduras do Cone Sul. No que se atém à organização da Condor, houve um contínuo monitoramento da CIA, pelo menos a partir de sua segunda reunião de Junho de 1976 e do estabelecimento da CONDORTEL e o fornecimento de máquinas de criptografia comprometidas. Houve também uma rede de proteção política do regime de Pinochet evidenciada pelo resultado do assassinato de Letellier, da defesa do regime por parte do FBI, e as constantes interferências de Kissinger e suas tentativas de garantir a satisfação e o apoio americano ao regime.

Por último, podemos identificar que a atuação brasileira na Operação não é de liderança. Ao utilizar e instrumentalizar a CONDORTEL o governo brasileiro selou sua influência na organização, porém ao se analisar as ações referentes à Condor impossibilita a leitura um

⁷¹DINGES, 2004 p.188.

⁷²Ibid. p.188.

protagonismo brasileiro. Mesmo assim, não podemos descartar todo o papel que o Brasil teve em arquitetar uma base funcional para o regime de Pinochet, o apoiando economicamente, politicamente e munindo a junta chilena de todo o conhecimento necessário para um aparelho repressivo funcional, que posteriormente idealizou a Condor. Ademais, a participação nos assassinatos orquestrados por múltiplos organismos nacionais torna o Brasil um membro completo da Condor, participando ativamente em suas operações, mesmo se opondo à assassinatos em países fora da América Latina.

Deste modo, para entender a formação e aparelhagem das operações de terror promovidas pelos países que se aliaram à Operação Condor, é de extrema importância passar também pelas influências externas que a compuseram. Estas influências externas empoderaram o regime de Pinochet de forma a possibilitar tal organização e escopo de operações, escondendo sua responsabilidade dando sinal verde para a Operação Condor.

FONTES HISTÓRICAS:

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório Volume 1**. Brasília: CNV, 2014.

CIA, **Memorandum of Conversation, "Dr. Kissinger, Mr. Karamessines, Gen. Haig at the White House-15**. 15 Outubro, 1970. Disponível em: <https://nsarchive.gwu.edu/document/23595-cia-memorandum-conversation-dr-kissinger-mr-karamessines-gen-haig-white-house-15>. Acesso em: 08/04/2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLUM, William. **Killing Hope: US Military and CIA Interventions since World War II**. Segunda Impressão, Noida, Gopsons Papers Limited, 2004

BANDEIRA, Moniz, **Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente**. Epub, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula para o Caos, A Derrubada de Salvador Allende 1970-1973**, Record, 2008.

DINGES, John, **The Condor years : how Pinochet and his allies brought terrorism to three continents**. New York, The New Press, 2004

FICO. Carlos. **Como eles agiam**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HITCHENS, Christopher. **The Trial of Henry Kissinger**. London/New York, Verso, 2002

KORNBLUH, Peter. **The Pinochet file: a declassified dossier on atrocity and accountability**, New York, The New Press, 2013

SIMON, Roberto **O Brasil Contra a Democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul**. 1ª ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2021

PUBLICAÇÕES:

KORNBLUH, Peter. OSORIO, Carlos. **The CIA's 'Minerva' Secret** National Security Archive, Washington D.C., 11 February, 2020. Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/chile-cyber-vault-intelligence-southern-cone/2020-02-11/cias-minerva-secret>>. Acesso em: 29/3/2022.

GRIBBIN, Peter. **Brazil and CIA** by Peter Gribbin, CounterSpy Magazine, April - May 1979, Disponível em: <https://archive.org/details/BrazilAndCIACounterSpyMagazine>. Acesso em: 08/04/2022

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. **Escola Superior de Guerra**, FGV. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/escola-superior-de-guerra-esg>
Acesso em 03/05/2022

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

ANSALDI, Waldo; Giordano, Verónica. **América Latina: Tempos de violência**, 1a ed.. La Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Ariel, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Deterring Democracy**, London : Vintage Digital, 2011

FILHO, Pio Penna **O Itamaraty nos anos de chumbo – O Centro de Informações do Exterior (CIEEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979)**, Rev. Bras. Polít. Int, 2009.

FIORI, José L. (org.). **O Poder Americano**. Petrópolis, Vozes, 2004.

GASPARI, Elio, **A Ditadura Derrotada**, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

JAIME VALIM MANSAN **A Escola Superior de Guerra e a formação de intelectuais no campo da educação superior no Brasil (1964-1988)**

PEREIRA, Anthony W. **The US Role in the 1964 Coup in Brazil: A Reassessment**, **Bulletin of Latin American Research** Bulletin of Latin American Research, Vol. 37, No. 1, pp. 5–17, 2018